

## O sublime, o belo e a Revolução: história e narrativização em Burke e Hegel\*

Valdei Lopes de Araujo\*\*

Este artigo pretende analisar como a Revolução Francesa foi narrada em duas interpretações clássicas: nas *Reflexões sobre a Revolução em França*, de Edmund Burke, e no prefácio à *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. O texto está organizado em dois momentos principais. No primeiro, procura-se demonstrar como a teorização de Burke sobre o belo e o sublime orienta e reforça sua interpretação do evento revolucionário.<sup>1</sup> No segundo, acompanha-se o esforço teórico de Hegel no resgate da Revolução como evento indicador dos tempos modernos.

### Burke: a revolução sublime

Em *A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful* (1757), Burke traça as origens, causas e características centrais dessas duas categorias. Procurando definir as fontes do sublime, afirma: “Wherever is fitted in any sort to excite the ideas of pain, and danger, that is to say, whatever is in any sort terrible, or is conversant about terrible objects, or operates in a manner analogous to terror (...)”<sup>2</sup>

O sublime burkeano é a mais forte emoção que o espírito humano é capaz de suportar, pois monopoliza e concentra o conjunto das energias individuais. Seu efeito característico é o terror e as reações dele derivadas, tais como o medo, a reverência e o respeito. Suas fontes são a obscuridade, a escuridão, a incerteza, a confusão, a grandiosidade e a infinitude. Todos esses sentimentos estão relacionados com o poder e a força que ameaçam o indivíduo em sua integridade. Da mesma forma, todos os

---

\* Um primeira versão deste artigo foi apresentada como trabalho de fim de curso para a cadeira “Burke e o século XVIII”, ministrada pelo Professor Ricardo Benzaquen de Araújo, no IUPERJ. A versão definitiva foi escrita na Stanford University, como parte das atividades de uma bolsa PDEE patrocinada pela Capes ao longo do primeiro semestre de 200.

\*\* Doutor em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Prof. Adjunto Departamento de História. Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>1</sup> Segundo Hayden White, entre os séculos XVIII e XIX, a disciplinarização da historiografia significou a preponderância da estética do belo. Cf. Hayden WHITE. “The Politics of Historical Interpretation: discipline and desublimation” In. *The Content of the form*. pp. 58-75. Embora White refira-se a Burke como uma estação fundamental nesse processo, procura-se argumentar neste artigo que, em Burke, ainda é possível encontrar espaço para o sublime nas narrativas históricas, da mesma forma que em sua concepção de história deve-se entender essas duas categorias como potências complementares.

<sup>2</sup> Edmund BURKE. *Enquiry*, p.39.

sentimentos que enfraquecem o indivíduo são potencializadores do sublime, como a subtaneidade e a privação de um modo geral: vazio, trevas, solidão e silêncio.

Em Burke, o sublime é uma paixão relativa à preservação de si.<sup>3</sup> O sublime funciona como um sinal de alerta, uma lembrança da fragilidade do indivíduo frente às potências físicas e metafísicas: “In everything sudden and unexpected, we are apt to start; that is, we have a perception of danger, and our nature rouses to guard against it.”<sup>4</sup> Ao sentir-se frágil, o indivíduo é compelido para o meio social, onde pode encontrar defesas contra as potências incomensuráveis.<sup>5</sup>

O belo, por sua vez, seria o cimento que une os homens em sociedade. O sublime socializa o indivíduo pelo terror da solidão fragilizadora, a beleza torna a vida social algo mais que uma necessidade ao gerar amor e afeto entre os seres humanos.<sup>6</sup> A beleza é definida como o conjunto de qualidades positivas dos corpos que agem de forma mecânica sobre o espírito, mediante a intervenção dos sentidos.<sup>7</sup> Essas qualidades positivas seriam a pequenez, a lisura, a delicadeza, a suavidade, a graça e a elegância.<sup>8</sup> Se a natureza do sublime tende a dissolver o orgânico, a beleza enfatiza a unidade e a harmonia das formas.

Antes de interpretar a Revolução Francesa, Burke procura desfazer qualquer possibilidade de aproximá-la da Revolução Gloriosa ou da história inglesa em sua totalidade. Pretende demonstrar que o modelo inglês, ao optar pelo caminho da transmissão da tradição, tem melhores condições de proporcionar bem-estar aos seus membros. Em sua organicidade e harmonia, a história da Inglaterra é narrada com as características próprias do belo, enquanto que na descrição da França revolucionária

---

<sup>3</sup> Edmund BURKE. *Enquiry*, p.51.

<sup>4</sup> Edmund BURKE. *Idem*, p.83.

<sup>5</sup> Sobre os aspectos morais do conceito de sublime em Burke, ver Vanessa L. RYAN. *The Physiological Sublime: Burke's critique of Reason*, p. 266. Sobre o século XVIII inglês, Bolla e Ashfield afirmam: “...what the period said and thought about artworks is bound up with what it thought and said about the nature of human experience generally. In this sense, for the period in question the aesthetic is not *primarily* about art but about how we are formed as subjects, and how as *subjects* we go about making sense of our experience.” Andrew Ashfield e Peter Bolla (Ed.). *The sublime: a Reader in British Eighteenth-Century Aesthetic Theory*, p. 2. Ao longo do século XIX, os aspectos morais serão enfraquecidos por sua associação quase que exclusiva ao campo estético. Também o estético sofrerá profundas transformações em direção a sua subjetivização, conforme destaca Hans-Georg Gadamer. *Truth and Method*, pp. 39-58.

<sup>6</sup> Edmund BURKE. *Idem*, 42-3.

<sup>7</sup> Edmund BURKE. *Idem*, p.112.

<sup>8</sup> Cabe lembrar que no século XVIII esses conceitos estão estreitamente relacionados com a idéia de civilidade. Sobre a questão, ver Émile BENVENISTE. “Civilisation – Contribution à la histoire du mot”. In \_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale*, pp. 337-45 e Jean STAROBINSKI, “Le Mot Civilization” In \_\_\_\_\_. *Le remède dans le mal*, pp. 11-59.

predominam as características do sublime.

Um dos argumentos centrais das *Reflexões* sublinha o artificialismo racionalista dos *philosophes* que imaginavam poder criar e destruir governos com a força da vontade e da razão. Segundo Burke, os revolucionários desconheciam os princípios básicos de funcionamento dos verdadeiros corpos políticos. Os Estados são sempre criações coletivas e históricas, não podendo ser controlados por homens cuja vida breve não é capaz de acumular a experiência e sabedoria necessárias.

Em Burke, a sociedade é compreendida como um corpo, cuja individualidade histórica deve ser considerada na tomada de decisões.<sup>9</sup> De resto, a idéia de corpo dá ao autor a unidade necessária à sua narrativa. Contra a sublimidade que a abstração cosmopolita poderia evocar, Burke oferece o *lugar*, ou seja, uma pequena totalidade a ser compreendida em seu movimento autônomo.

O conceito de circunstância reforça a argumentação.<sup>10</sup> Ao contrário dos entusiastas da Revolução, que se imaginavam ditando regras indiferentes ao tempo e ao espaço, Burke afirma o primado do momento e do local de enunciação. Consiste na principal faculdade do político a sua capacidade de compreender os vínculos que unem passado e presente e seus efeitos sobre o conjunto dos homens. O estilo epistolar, escolhido para compor o texto, evidencia a preocupação constante em tornar presente as circunstâncias, além de servir de contraponto estilístico aos tratados abstratos, regulares e especulativos dos *philosophes*.

Na história inglesa de Burke, o passado perde a rigidez mecânica e angular do modelo para adquirir a textura orgânica e sinuosa da experiência. Na pintura, Burke encontraria o suporte mais adequado ao belo. E, sendo ele um escritor, a descrição narrativa fornece-lhe o símile textual do efeito pictórico. Para traçar um quadro textual da história é preciso, antes de tudo, descobrir um princípio organizador a partir do qual seja possível, de um lance do olhar, perceber a totalidade do processo. Para Burke, o passado constitui tal princípio. Mais uma vez, a noção de circunstância é central, na medida em que define um ponto de vista de onde é possível recortar o horizonte infinito.

Na parte em que analisa a Revolução e a Constituição inglesas, Burke procura ressaltar a continuidade do princípio orientador, ou seja, a noção de hereditariedade:

---

<sup>9</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p. 98.

<sup>10</sup> Edmund BURKE. *Idem*, p. 90.

We wished at the period of Revolution, and do now wish, to derive all we possess as an *inheritance from our forefathers*. Upon that body and stock of inheritance we have taken care not to inoculate any cyon alien to the nature of the original plant. All the reformations we have hitherto made, have proceeded upon the principle of reference to antiquity; and I hope, nay I am persuaded, that all those which possibly may be made hereafter, will be carefully formed upon analogical precedent, authority, and example.<sup>11</sup>

A metáfora orgânica é desenvolvida em suas conseqüências lógicas, como, por exemplo, na possibilidade de *regeneração* de uma parte ausente pelo cultivo de sua matriz.<sup>12</sup> A referência ao passado como autoridade funda-se em uma interpretação da história da Inglaterra que, conscientemente, busca eliminar todas as categorias relacionadas ao sublime.

A unidade e naturalidade da família são o modelo para a organização do Estado. Todo elemento trágico é banido das fronteiras da sociedade organizada, embora nela possa a todo instante penetrar, seja pela degeneração do corpo, seja pelas catástrofes naturais ou políticas, como é o caso da Revolução Francesa. Em determinado momento, sua descrição do modelo inglês parece coincidir com a imagem do mundo grego clássico, sintetizada por Hegel no conceito de Consciência Feliz. Um momento histórico marcado pela unidade entre particular e universal, indivíduo e corpo político:

Our political system is placed in a just correspondence and symmetry with the order of the world, and with the mode of existence decreed to a permanent body composed of transitory parts; wherein, by the disposition of a stupendous wisdom, moulding together the great mysterious incorporation of the human race, the whole, at one time, is never old, or middle-aged, or young, but in a condition of unchangeable constancy, moves on through the varied tenor of perpetual decay, fall, renovation, and progression.<sup>13</sup>

Nenhuma imagem caracterizaria melhor a história da Inglaterra do que essa unidade, que deve ser constantemente cultivada e que permanece, através dos tempos, não por estar fora dele, mas por nele mediar constantemente sua origem, meio e fim. Para esta sociedade, em luta constante contra a degradação e a diferença, que surgem quase como sinônimos, a imitação é a força gregária que solda os desejos individuais.

---

<sup>11</sup> Edmund BURKE. *Idem*, p.117.

<sup>12</sup> "... in both cases they regenerated the deficient part of the old constitution through the parts which were not impaired." Edmund BURKE. *Reflections*, p.106. O conceito de regeneração aparece ainda em dois outros momentos, nas páginas 194 e 284, referindo-se ironicamente as promessas vazias feitas pelos *Philosophes*.

<sup>13</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p.120.

Aplicando o princípio da imitação, tal como havia teorizado,<sup>14</sup> Burke defende ser a política inglesa “...the result of profound reflection; or rather the happy effect of following nature, which is wisdom without reflection, and above it”.<sup>15</sup> Tais sentimentos, mais do que qualquer razão abstrata, seriam os verdadeiros fundamentos de uma sociedade estável.<sup>16</sup> Afinal, como os homens tendem a amar e a sentir afeto por tudo que é belo, nada mais natural do que acomodar-se a um corpo político que desperte esses sentimentos.<sup>17</sup>

Totalmente distinta é a descrição da Revolução Francesa, na qual Burke utilizou todos os recursos assinalados anteriormente como fontes do sublime, uma vez que seus propósitos são eles mesmos caracterizados como sublimes, por sua enormidade e arrogância. O tom pictórico, que marcou a narrativa sobre a história inglesa, cede lugar à encenação teatral, a imagética abundante e caótica:

It looks to me as if I were in a great crisis, not of the affairs of France alone, but of all Europe, perhaps of more than Europe. All circumstances taken together, the French revolution is the most astonishing that has hitherto happened in the world. The most wonderful things are brought about in many instances by means the most absurd and ridiculous; in the most ridiculous modes; and apparently, by the most contemptible instruments. Every thing seems out of nature in this strange chaos of levity and ferocity, and of all sorts of crimes jumbled together with all sorts of follies. In viewing this monstrous tragi-comic scene, the most opposite passions necessarily succeed and sometimes mix with each other in the mind: alternate contempt and indignation, alternate laughter and tears, alternate scorn and horror.<sup>18</sup>

Esta descrição da situação francesa deve ser entendida a partir de dois pontos de vista. O do inglês, preocupado em alertar sua sociedade para os perigos inerentes ao processo, e para isso o sublime é o modo adequado. E o do intelectual tentando compreender o fenômeno revolucionário, em que sua natureza sublime ajuda a explicar a força e o entusiasmo dele derivados, bem como a certeza de sua efemeridade.

---

<sup>14</sup> Edmund BURKE. *Enquiry*, pp.49-50.

<sup>15</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p.119. Compare-se com esta passagem do *Enquiry*: “It is by imitation far more than precept that we learn every thing; and what we learn thus we acquired not only more effectually, but more pleasantly.” (Edmund BURKE. *Enquiry*, p.49).

<sup>16</sup> Ao enfatizar os aspectos fisiológicos do sublime, Burke afastava-se tanto do conceito kantiano quanto da própria tradição inglesa derivada da Longino. Ryan identifica uma crítica à razão neste fisiologismo. Cf. Vanessa L. RYAN. *Op. cit.*, pp. 277-8.

<sup>17</sup> Isso parecia estar muito claro para Burke, por exemplo, quando utiliza o adjetivo belo para caracterizar partes fundamentais da constituição inglesa: “...although the Revolution Society chooses to assert, in direct opposition to one of the wisest and most beautiful parts of our constitution...” (Edmund BURKE. *Reflections*, p. 115).

<sup>18</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p. 92-3.

Sem multiplicar os exemplos, alguns momentos centrais podem ser destacados, como a descrição do funcionamento da Assembléia Nacional francesa, em que Burke recorre a um longo depoimento de uma testemunha ocular, Mme. Lally Tollendal, que caracteriza a Assembléia como uma “*caverne d'Antropophages*”.<sup>19</sup> O efeito de realidade que o testemunho agrega à narrativa é fundamental para o resultado sublime que, como visto acima, é potencializado na proporção de sua realidade. Outro momento que merece ser destacado é a descrição da invasão dos aposentos de Maria Antonieta. O cuidado com os pequenos detalhes circunstanciais cria uma sensação de contrastes fortes que arrebatam o leitor. A inocência do sono cortado pelo assassinato da sentinela, um grotesco bando de assassinos sujos de sangue perseguindo a bela rainha seminua que corre em busca do marido e dos filhos, o mais esplêndido palácio do mundo recoberto de sangue e membros de cadáveres mutilados. A sublimidade do quadro é reforçada pelo virtuosismo com que descreve Maria Antonieta quando jovem:

It's now sixteen or seventeen years since I saw the queen of France, then the dauphiness, at Versailles; and surely never lighted on this orb, which she hardly seemed to touch, a more delightful vision. I saw her just above the horizon, decorating and cheering the elevated sphere she just begin to move in, - glittering like the morning-star, full of life, and splendor, and joy.<sup>20</sup>

Novamente o testemunho ocular, dessa vez do próprio autor, é utilizado para reforçar o argumento em um momento central. Ao caracterizar a Rainha a partir da perspectiva do belo, Burke ao mesmo tempo procurava gerar afeto, que nos liga às imagens belas, e simpatia, fundamental para a realização do efeito sublime, o qual ainda é reforçado pelo contraste abrupto entre o grotesco revolucionário e a delicada rainha.<sup>21</sup>

A passagem anterior serve como ponte a outro tema fundamental: a dissolução da polidez e do cavalheirismo. A polidez é a manifestação da lisura (uma das características do belo) no trato social. Sua importância funda-se na capacidade de produzir o afeto dos homens pelo convívio. A polidez e o cavalheirismo são forças responsáveis por deslocar o indivíduo de sua rudeza egoísta para o seio do organismo social. O bom gosto, elegância e refinamento das classes nobres atuam pedagogicamente sobre o conjunto social, na

---

<sup>19</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p. 167. Toda a carta é transcrita em francês no original, o que reforça o caráter de prova testemunhal.

<sup>20</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p.169.

<sup>21</sup> Sobre a dimensão retórica em Burke, e em especial nas *Reflections*, ver a análise de F. P. Lock. *Burke's Reflections on the Revolution in France*, capítulo 4 “*Rhetoric*”, pp. 100-31. Lock destaca que a descrição de Maria Antonieta é provavelmente umas das mais citadas pelos primeiros leitores das Reflexões. *Op. cit.*, p. 110.

medida em que despertam afeto e admiração, seguidos pelo desejo natural de imitação. Ao dissolver o bom gosto e a polidez e destruir a nobreza, a Revolução ameaçava o próprio fundamento das sociedades humanas.

Essa lista, não exaustiva, encerra-se com um exemplo de fora das *Reflexões*. Por seu caráter sintético, terá aqui grande utilidade como uma espécie de recapitulação, já que as características do sublime aparecem como se fossem listadas diretamente do *Enquiry*:

[...] out of the tomb of the murdered monarchy in France has arisen a vast, tremendous, unformed spectre, in a far more terrific guise than any which ever yet have overpowered the imagination, and subdued the fortitude of man. Going straight forward to its end, unappalled by peril, unchecked by remorse, despising all common maxims and all common means, that hideous phantom overpowered those who could not believe it was possible she could at all exist, except on the principles, which habit than nature had persuaded them were necessary to their own ordinary modes of action.<sup>22</sup>

Tratando-se de duas sociedades que mantêm séculos de conflitos e rivalidades, é compreensível que a potência liberada pela Revolução Francesa despertasse temor. Como Burke destaca no *Enquiry*:

Look at a man, or any other animal of prodigious strength, and what is your idea before reflection? Is it that this strength will be subservient to you, to your ease, to your pleasure, to your interest in any sense? No; the emotion you feel is lest this enormous strength should be employed to the purposes of rapine and destruction.<sup>23</sup>

Como já fora observado, o sublime tem a função de despertar a sociedade para os perigos que a ameaçam, além de ter um efeito terapêutico: “We are alarmed into reflection; our minds (as it has long since been observed) are purified by terror and pity, our weak unthinking pride is humbled, under the dispensations of a mysterious wisdom”.<sup>24</sup>

Em um mundo em que os corpos estão constantemente ameaçados de desagregação pelas potências naturais, resta aos homens o trabalho contínuo da transmissão, cultivo e cuidado, com o qual tentam sobreviver ao naufrágio desorganizador. É para a fragilidade da sociedade dos homens que Burke procura

---

<sup>22</sup> Edmund BURKE. First of the Letters on a Regicide Peace, 1796, Works V, p. 155 *apud* Connor O'Brien. “Introduction”. In Burke. *Reflections*, IX.

<sup>23</sup> Edmund BURKE. *Enquiry*, p. 65.

<sup>24</sup> Edmund BURKE. *Reflections*, p.175.

chamar a atenção de seus leitores. A estética do sublime mostrava-se perfeitamente adaptada para este fim.

### **Hegel: a bela Revolução**

Para boa parte dos filósofos da Ilustração, o presente era entendido em si mesmo como o resultado da iluminação racional do ser humano. O tempo presente, como novo e melhor dos tempos, poderia desvencilhar-se do passado da mesma forma que um viajante desfaz-se do excesso de bagagem. O significado da história oscilava entre o modelo cosmológico da Antigüidade e aquele marcado pela negação do passado recente, representado pelo Antigo Regime. Da mesma forma que, na história das ciências, as descobertas de Copérnico e Galileu transformaram em pré-história o sistema ptolomaico; a luz da verdade que brilha no presente transforma o passado em trevas e obscurantismo.<sup>25</sup> Com Hegel, entretanto, o passado é recuperado como parte do presente:

Com efeito, a coisa não se consuma no seu fim mas na sua atuação, e o todo efetivo não é o resultado, a não ser juntamente com o seu dever. O fim para si é o universal sem vida, assim como a tendência é o puro impulso que ainda carece de sua realidade efetiva; e o resultado nu é o cadáver que a tendência deixou atrás de si.<sup>26</sup>

O filósofo de Iena expõe a armadilha que a filosofia ilustrada armava para si mesma. Todo presente, ao tornar-se passado, corre o risco de ser “o cadáver que a tendência deixou atrás de si”. O problema fundamental dos novos tempos é que qualquer autocompreensão da modernidade deve abarcar não só o presente, mas ter consciência dos efeitos da história sobre a totalidade da experiência humana. O movimento dialético da cultura (*Bildung*), que, partindo da substância imediata (vida), chega ao pensamento mediato (universal), finalmente produzindo assim o conceito, é o fundamento da “necessidade de ciência” dos tempos modernos. É a ciência como sistema a única força capaz de unificar estes momentos e retorná-los à cultura como momentos da experiência.

---

<sup>25</sup> Sobre o tratamento unificado dos mundos naturais e históricos no Iluminismo, ver Ernst CASSIRER. *A Filosofia do Iluminismo*, pp.269-70. Para a questão da autoconsciência da modernidade, ver Jürgen HABERMAS. *The Philosophical Discourse of Modernity*, pp. 1-22. Para uma abordagem crítica, bastante distinta das versões de Cassirer e Habermas, ver Reinhart KOSELLECK. *Crítica e Crise*, *passim*.

<sup>26</sup> Georg W. F. HEGEL. *Fenomenologia*, 13. Nesta análise, utilizou-se a tradução de Henrique Claudio de Lima Vaz para o volume Hegel da coleção *Os Pensadores*, cotejando-se, sempre que necessário, com a tradução de Paulo Meneses para a Editora Vozes.

Após definir a ciência como uma necessidade dos novos tempos, Hegel inicia uma dura crítica à noção de intuição e saber imediato do primeiro romantismo. A busca pelo saber imediato pode ser compreendida, escreve Hegel, se considerarmos o estado atual do “Espírito consciente-de-si” ou, em outras palavras, do homem moderno. Tendo perdido a vida substancial que levava anteriormente, perde também o mundo sagrado onde a fé o unia imediatamente a Deus. Solitário no mundo, o Espírito toma consciência de sua finitude e fragmentação, passando a exigir do saber (filosofia) a restituição da unidade e imediatidade perdidas. Desse sentimento, nasce o irracionalismo romântico, refratário ao vocabulário conceitual e analítico proposto na *Fenomenologia*. A descrição hegeliana adianta a direção de sua filosofia: superar, no sentido próprio hegeliano, os momentos sublimes da história do mundo.

Frente à perda do caráter imediato da fé, o homem volta-se para o mundo sensível e para a experiência. O romantismo sonha em “...arrancar os homens de seu afundamento no sensível”<sup>27</sup> e é incapaz de ver a necessidade deste momento da experiência. Ao renegar a fratura do indivíduo e a consciência da finitude, o homem romântico promove ora o primado do conteúdo contingente sobre “si mesmo” ora o primado do arbitrário “si mesmo” sobre o conteúdo:

Enquanto se abandonam à fermentação sem peias da substância, esses tais pensam que, por meio do véu lançado sobre a consciência-de-si e do abandono do entendimento, são aos seus a quem Deus comunica a sabedoria no sono; o que desta sorte recebem e produzem no sono são também sonhos.<sup>28</sup>

Prosseguindo em seu relato da formação do tempo do presente, Hegel, em passagem célebre, traça o diagnóstico da nova época que nasce e promete superar as contradições desencadeadas pelo fim do mundo em que a fé é um fenômeno imediato:

De resto, não é difícil ver que o nosso tempo é um tempo de nascimento e passagem para um novo período. O Espírito rompeu com o mundo de seu existir e do seu representar que até agora subsistia e, no trabalho da sua transformação, está para mergulhar esse existir e representar no passado. Na verdade, o Espírito nunca está em repouso, mas é concebido sempre num movimento progressivo. Mas, assim como na criança, depois de um longo e tranquilo tempo de nutrição, a primeira respiração - um salto qualitativo - quebra essa continuidade de um progresso apenas quantitativo e nasce então a criança, assim o Espírito que se cultiva cresce lenta e silenciosamente até a nova figura e desintegra pedaço por pedaço seu mundo precedente. [...] Esse lento desmoranar-se, que não alterava os traços fisionômicos do todo, é interrompido

---

<sup>27</sup> Georg W. F. HEGEL. *Idem*, p.15.

<sup>28</sup> Georg W. F. HEGEL. *Idem*, pp. 15-6.

pela aurora que, num clarão, descobre de uma só vez a estrutura do novo mundo.<sup>29</sup>

O clarão é sem dúvida a Revolução Francesa, que, já em um texto de Kant datado de 1798, era recuperada como princípio de um novo tempo. Ao se perguntar se a humanidade está destinada a progredir constantemente para uma posição superior, Kant afirmava que:

Hay, por lo tanto, que buscar un hecho que nos refiera de manera indeterminada, por respecto al tiempo, a la existencia de una tal causa y también al acto de su causalidad en el genero humano, y que nos permita concluir el progreso hacia mejor como consecuencia ineludible, conclusión que podríamos extender luego a la historia del tiempo pasado [...] pero de modo que aquel hecho tuviera que considerarse no como causa de ese progreso, sino únicamente como apuntando hacia él, como *señal histórica (signum rememorativum, demonstrativum, prognosticum [...])*<sup>30</sup>

Este sinal histórico, capaz de totalizar a história universal, é identificado por Kant nos efeitos provocados pela Revolução Francesa nos espíritos dos homens que acompanhavam de longe, sem interesse, o desenvolvimento dos acontecimentos. Este engajamento desinteressado era prova do caráter moral da espécie, e mesmo que a Revolução trouxesse um conjunto de catástrofes nunca visto na história, ainda assim seu efeito sobre os espíritos seria positivo.<sup>31</sup> O sublime revolucionário era diluído por um observador distante e desinteressado, único capaz de produzir a síntese a partir da qual a tragédia poderia ser convertida em conceito.<sup>32</sup>

A certeza de estar vivendo um momento de transição entre o velho mundo, já sem vida e fragmentado, e o novo mundo, impõe a Hegel a tarefa de efetivar o seu conceito. O mundo moderno carece de existência da mesma forma que a criança traz a promessa da maturidade, mas não sua realidade efetiva. O alvorecer do conceito do novo mundo, ou o

<sup>29</sup> Georg W. F. HEGEL. *Idem*, p.16.

<sup>30</sup> Immanuel KANT. *Filosofia de la Historia*, p. 104. “Há, para tanto, que se buscar um fato que nos refira de maneira indeterminada, com relação ao tempo, a existência de uma tal causa e também o ato de sua causalidade no gênero humano, e que nos permita concluir o progresso para melhor como consequência iniludível, conclusão que poderíamos estender logo a história do tempo passado [...] mas de modo que aquele fato deverá ser considerado não como causa desse progresso, mas unicamente apontando para ele, como sinal histórico (*signum rememorativum, demonstrativum, prognosticum [...]*)”

<sup>31</sup> Kant. *Idem*. pp. 105-6.

<sup>32</sup> Para as diferenças entre os conceitos de sublime em Kant e Burke, no quadro da disputa empiricismo versus formalismo, ver Frances FERGUSON. *Solitude and the Sublime: romanticism and the aesthetics of individuation*, em especial o primeiro capítulo, pp. 1-36.

surgimento daquilo que ele tem de imediato, implica a reconfiguração dos momentos sucessivos que resultaram no próprio conceito. Convertidas em momentos do conceito, aquelas experiências devem necessariamente ganhar uma nova configuração: “Mas a efetividade desse simples todo consiste no fato de que aquelas figuras, que se tornaram momentos, novamente se desenvolvem, mas no seu novo elemento, e se dão uma figuração de acordo com o sentido que se vinha formando”.<sup>33</sup> Dito de outra forma, a história deve ser reescrita, entendendo-se a modernidade como seu último momento e a Revolução Francesa como o desvelamento do princípio a partir do qual o passado poderia ser totalmente recuperado no conceito.

Assim como o “novo mundo”, também a ciência, seu corolário, não está completa em sua gênese. Cria-se uma tensão entre a consciência, que vive a complexidade e riqueza do existir anterior guardado na recordação, e as promessas do novo conceito ainda vazio. Falta à ciência a diversidade dos conteúdos e a elaboração das formas pelas quais a verdade pudesse ser comunicada ao entendimento.

Ao recusar tanto a crítica que parte da multiplicidade dos conteúdos e os preserva alheios à totalidade, quanto aquela que, ao partir da totalidade abstrata, acaba ignorando toda a diferença, Hegel anuncia sua compreensão da ciência como o devir do Absoluto. A história, que até então era vista pelos sistemas filosóficos como a parte contingente de uma verdade idêntica a si mesma e intemporal, assume o estado de fonte mesma da verdade, na medida em que é recuperada como momento necessário. O verdadeiro não é mais a unidade original ou imediata, mas a diversidade que se restaura, colocando-se a si mesmo num movimento reflexivo, sendo ao mesmo tempo sujeito e objeto deste movimento. O que era inicialmente simples e idêntico a si mesmo, cinde-se e perde seu caráter imediato na busca da efetivação de seu conteúdo enquanto totalidade concreta:

O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que atinge a completude por meio do seu desenvolvimento. Deve-se dizer do Absoluto que ele é essencialmente resultado e que é o que na verdade é, apenas no fim. Nisto consiste justamente sua natureza: ser algo efetivo, sujeito ou devir-de-si-mesmo.<sup>34</sup>

Ao pensar a substância como sujeito, Hegel recupera para a sensibilidade moderna a mediação reflexiva. O homem moderno deve enfrentar a perda de um mundo onde “a

---

<sup>33</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 16.

<sup>34</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 19.

significação de todas as coisas se encontrava no fio de luz que as prendia ao céu”<sup>35</sup> e assumir a fragmentação como um movimento constitutivo da totalidade. A reflexão, que havia sido repudiada por e em nome da intuição, aparece, aqui, como o movimento que partindo do simples como fim a ele retorna pelo movimento da experiência. Este movimento, orientado pela origem que é também fim, define, em Hegel, o pensamento racional: “...a razão é o agir de acordo com um fim”<sup>36</sup>.

A forma narrativa empregada na *Fenomenologia* demonstra a preocupação em resgatar o passado como momento constitutivo do presente. Comparada por diversos autores a um romance de formação (*Bildungsroman*), a *Fenomenologia* narra as diversas figuras (*Gestalt*) que o indivíduo universal teve de percorrer no processo de sua efetivação. O indivíduo concreto que busca a formação precisa considerar todos os momentos percorridos pelo Espírito. Não é possível chegar ao fim sem considerar o meio, deve-se permanecer em cada uma das figuras do passado, que são em si particularidades e totalidades.<sup>37</sup> Mas a tarefa do indivíduo concreto não é tão árdua quanto a do Espírito Universal que plasmou em cada época da história do mundo, segundo suas possibilidades, todo o seu conteúdo. Resta ao indivíduo identificar pela recordação este conteúdo manifesto na e pela História. A prerrogativa do tempo moderno é poder lidar com este conteúdo na forma em-si da recordação, possibilitando o movimento reflexivo que a converte em ser-para-si da consciência.

A Idade Moderna possui também suas próprias dificuldades na busca do saber. Enquanto na Antigüidade o filósofo investigava cada aspecto da vida tornando a existência imediata fonte da reflexão, nos tempos modernos o pensamento afastou-se das experiências cotidianas e cristalizou-se nas representações abstratas do mundo.<sup>38</sup> Estas representações criam uma aparência de conhecimento que impede o verdadeiro saber. A tarefa da ciência, ou seja, da filosofia, é analisar e quebrar estas representações que formam pensamentos fixos e dogmáticos em busca de seu núcleo vivo: “Dividir uma representação nos seus elementos originais é remontar aos seus momentos que, como condição mínima, não tenham a forma de representação previamente encontrada mas constituam a propriedade imediata de Si”.<sup>39</sup> Esse trabalho de destruição realizado pelo

---

<sup>35</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 15.

<sup>36</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 20.

<sup>37</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 24.

<sup>38</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 26.

<sup>39</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op.cit.*, p. 25.

sujeito é o que permite a fluidez do pensamento e sua conceituação.

Aos “românticos” e nostálgicos de um mundo unificado, que se arrepiavam frente ao trabalho do sujeito, Hegel escrevia:

...a vida do Espírito não é a vida que se atemoriza em face da morte e se preserva em face da devastação, mas sim a vida que suporta a morte e nela se conserva. O Espírito conquista a sua verdade somente quando se encontra a si mesmo na absoluta dilaceração.<sup>40</sup>

O momento do saber real acontece quando substância e sujeito reúnem-se. A experiência é o movimento que o espírito faz de em se tornando outro, ou seja, objeto, retornar a Si. Mas este retorno não é completo, resultando na diferença. Diferença é a consciência da desigualdade entre Sujeito e Objeto. A busca constante da superação desta diferença gera o movimento dialético. O terreno para a ciência estará aberto quando o caráter subjetivo da substância e o caráter objetivo do sujeito forem corretamente dimensionados: “O ser está absolutamente mediatizado; é conteúdo substancial e, do mesmo modo, é imediatamente propriedade do Eu, tem a forma do Si ou é conceito.”<sup>41</sup>

Não é difícil perceber que as características do belo e do sublime estão presentes no prefácio à *Fenomenologia do Espírito*. Diferentemente de Burke, que pensava o sublime e o belo como categorias excludentes embora complementares, Hegel, através do movimento dialético, dissolve o sublime no belo e este no conceito. O tema central no prefácio é a tentativa de equacionar história e razão, particular e universal. Tal como aparece na *Fenomenologia*, este equilíbrio é mantido, mas, ao longo da obra de Hegel, a racionalidade se expandirá a ponto de na Filosofia do Direito ser dito “O que é racional é real e o que é real é racional”.<sup>42</sup> A tentativa de equilíbrio entre belo, sublime e conceito, entre história e razão é neutralizada pelo próprio Hegel ao expandir o absoluto às fronteiras do real.<sup>43</sup>

O trabalho do historiador em si mesmo carece de universalidade, somente a reflexão conceitual, a partir destes conteúdos da história, pode conferir sentido. Esta concepção do conhecimento histórico será desenvolvida em suas *Lições sobre a Filosofia da História*, onde define os três métodos de escrever a história: original, reflexivo e

---

<sup>40</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op. cit.*, p.25.

<sup>41</sup> Georg W. F. HEGEL. *Op. cit.*, p. 28.

<sup>42</sup> Georg W. F. HEGEL. *Princípios da Filosofia do Direito*, XXXVI.

<sup>43</sup> Cf. Jürgen HABERMAS. *Op. cit.*, pp. 42-3.

filosófico. A História Filosófica é a única capaz de dar universalidade ao trabalho do historiador.<sup>44</sup> Hegel, ao tratar a história como chave para a previsão do futuro, distanciava-se irremediavelmente da modernidade enquanto historicidade, como fonte de experiência prosaica e prudencial da forma como foi concebida por Ranke e Burke.

O desvelamento do “conceito” da modernidade permite compulsoriamente imputar ao passado a tarefa de iniciar o novo que se realiza. O historiador/filósofo adquire um princípio organizador de sua meta-narrativa, não é mais todo o passado de forma anedótica e erudita que importa, mas aqueles fatos anunciadores do futuro. A história, enquanto singular-coletivo, pode assumir assim a forma narrativa na escrita.

É neste quadro que deve ser entendida a tese de Reinhart Koselleck segundo a qual, na modernidade, há um progressivo distanciamento entre expectativa e experiência.<sup>45</sup> Até então, o passado, em seu valor normativo, era fonte das expectativas de um presente que imaginava repetir ou aprimorar experiências pretéritas modelares. O futuro, fonte de incertezas e inquietações, era lentamente ocupado pelo presente em nome do passado. Com a consciência da modernidade os sinais se invertem, o horizonte de expectativa já não encontra respaldo no passado, o que se deseja nunca se realizou e somente o tempo moderno traz as condições de sua possibilidade. A utopia ocupa o lugar do passado e seu “lugar nenhum” é habitado pela idéia de progresso que domestica o futuro tornando-o estável o suficiente para ser “colonizado” pelos homens modernos. Ao circunscrever o futuro como seu lugar, a modernidade pode então (re)alocar toda a história em função de sua autofundamentação.

\* \* \*

De Burke a Hegel é possível identificar transformações significativas nas formas de narrar o processo histórico. No primeiro, a história é basicamente o conjunto concreto de experiência de uma comunidade claramente identificada no tempo e espaço. O passado ainda serve de modelo e é mesmo o fator fundamental para a compreensão do presente. Mas não age aqui qualquer força trans-histórica que garanta a estabilidade do mundo, há um sentimento de que as sociedades humanas são apenas frágeis estruturas constantemente ameaçadas de destruição. Em sua narrativa, bem como em sua concepção de história, o sublime é um fato não domesticável, mas cuja energia pode ser

---

<sup>44</sup> Georg W. F. HEGEL. *A Razão na História*, pp. 45-52.

<sup>45</sup> Reinhart KOSELLECK. “Space of Experience and Horizon of Expectation: two historical categories.” In \_\_\_\_\_. *Futures Past: on semantics of historical time*, pp. 267-88.

corretamente canalizada para a felicidade geral. Em Hegel, as pontas ameaçadoras da Revolução são polidas pela razão. Frente à história universal, as pequenas tragédias podem ser transcendidas e, por detrás do caos, o filósofo pode descobrir a bela regularidade do mundo. Não há espaço para o sublime do ponto de vista da história universal ou do espírito absoluto.

A progressiva consciência da fragmentação do real e conseqüente necessidade de totalização é o eixo em torno do qual se constitui a obsessão narrativística do século XIX. A historiografia será apenas mais um resposta a essa necessidade.

## Bibliografia

- ASHIFIELD, Andrew & BOLLA, Peter de. *The Sublime: a reader in British Eighteenth-Century Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1996.
- BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France*. London: Penguin Books, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Philosophical Enquiry into the Origins of our Ideas of the Sublime and Beautiful*. London: University of Notre Dame Press, s./ref.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- FERGUSON, Frances. *Solitude and the Sublime: romanticism and the aesthetics of individuation*. New York: Routledge, 1992.
- GADAMER, Hans-George. *Truth and Method*. New York: Crossroad, 1984.
- HABERMAS, Jürgen. *The Philosophical Discourse of Modernity: twelve lectures*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- HEGEL, George W. F. "Prefácio à Fenomenologia do Espírito". In. \_\_\_\_\_. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- \_\_\_\_\_. *A Fenomenologia do Espírito I*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A Razão na História - Uma Introdução Geral à Filosofia da História*. São Paulo: Moraes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KANT, Emmanuel. *Filosofia de la História*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- KOSELLECK, Reinhart. "Space of Experience and Horizon of Expectation: two historical categories." In \_\_\_\_\_. *Futures Past: on semantics of historical time*. Massachusetts, London: The MIT Press Cambridge, 1985, 267-288.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2000.
- LOCK, F. P. *Burke's Reflections on the Revolution in France*. London: George Allen & Unwin, 1985.
- RYAN, Vanessa L. The Physiological Sublime: Burke's critique of Reason. *Journal of the History of Ideas* 62.2 (2001) 265-79.
- STAROBINSKI, Jean. *Le remède dans le mal. Critique et légitimation de l'artifice à l'âge des Lumières*. Paris, Gallimard, 1989
- WHITE, Hayden. *The Content of the Form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992. (1987).